

Estudantinas: práticas culturais contra-hegemónicas na “sociedade do espetáculo”, Dulce Simões, INET-md.

A sociedade contemporânea, apesar de cultivar religiosamente o passado, perdeu a capacidade de conhecê-lo, ao viver o “presente perpétuo” (Debord, 1995: 80) de um quotidiano marcado pela superficialidade de conceitos e valores, pelo carácter descartável das suas recriações, e pelo estímulo consumista. A “sociedade do espetáculo” (Debord, 1995) do consumo e da fragmentação representa a negação da própria humanidade na procura da felicidade, por meio da destruição da liberdade de escolha, totalmente preenchida no imaginário pela satisfação garantida, a partir de um real fabricado e de um mundo saturado de imagens. O debate que proponho situa-se na diversidade cultural proporcionada pela interacção global entre a cultura mediática, como parte decisiva da hegemonia política, e as práticas culturais contra-hegemónicas preservadas pelas comunidades, como possibilidades alternativas ao futuro das sociedades. Desta forma, trago à discussão as festas carnavalescas na Amareleja (Baixo Alentejo), designadas por estudantinas (ou danças carnavalescas), como práticas culturais que surgem da espontaneidade e criatividade de grupos não institucionalizados nem mediatizados. Estes agrupamentos afirmam-se como protagonistas intemporais de um passado que aspira ao futuro e à transformação da sociedade, por meio da linguagem do corpo, do discurso de resistência à versão oficial do mundo, do espírito ambivalente e regenerador, da alegria e da abundância na celebração da vida colectiva. Os participantes, de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias, estão vinculados entre si por laços de parentesco, de vizinhança e de amizade, e criam um repertório caracterizado por temáticas contestatárias, que articulam as problemáticas reais da comunidade local com as imagens globais da “sociedade do espetáculo”. No contexto socio-político contemporâneo os políticos e as figuras mediáticas são destituídas das suas funções e posições sociais, para surgirem em situações que desafiam o riso colectivo, ambivalente e universal, que nega e afirma o permitido, o proibido, a censura e o excesso. Esta “transgressão” temporária, que não altera a ordem nem as desigualdades sociais, aspira a instaurar a verdade no mundo, ao partilhar colectivamente a alegria e a esperança num futuro renovado.

A guerra civil na Galiza a través dos ollos dos habitantes doutra marxe do Miño, Natalia Jorge, Universidade de Santiago de Compostela.

Nos últimos anos a historiografía tense adentrado en parcelas do coñecemento inexploradas até entón, ou nalgúns casos atendidas só por outras disciplinas como a antropoloxía ou a socioloxía. Un deses campos de traballo ten sido a memoria e o seu uso ao longo do tempo como parte sustancial do discurso colectivo. A memoria e os seus usos teñen transcendido na última década, abandoando o seu carácter anecdótico para ser un obxecto de estudo por sí mesmo. O feito de ser estudada e de ser empregada como mecanismo de coñecemento, ten permitido profundizar sobre aspectos do pasado oscurecidos pola falta de fontes tradicionais. Son aspectos como actitudes perante conflitos bélicos, vida cotiá baixo réximes ditatoriais, relacións sociais e económicas fora da lei como contrabando e mercados negros, ... A nosa proposta toma como punto de partida o uso da memoria dos habitantes de Vila Nova de Cerveira (Portugal) a través da que construiremos a percepción da guerra civil española que se vivía na localidade doutro lado do río Miño (Tomiño, Galiza).